

SAMANTA HOLTZ

Quando o amor  
bater à sua porta  
*Você vai deixá-lo entrar?*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

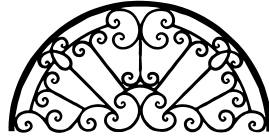
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*A todos aqueles que esperam o amor vir bater às portas do seu coração.  
Que possam deixá-lo entrar.*



• TRILHA SONORA DOS CAPÍTULOS •

*Para quem gosta de ler com música!* ♥

- CAP. 1 *Hold Back the River*, James Bay • <https://goo.gl/h929wi>
- CAP. 2 *Eu não paro*, Ana Carolina • <https://goo.gl/QkYS8c>
- CAP. 3 *Story of My Life*, The Piano Guys • <https://goo.gl/9B76QI>
- CAP. 4 *Collide*, Howie Day • <https://goo.gl/ZZ3xsu>
- CAP. 5 *Gone, Gone, Gone*, Phillip Phillips • <https://goo.gl/Wge3sr>
- CAP. 6 *Call Me Maybe*, Carly Rae Jepsen • <https://goo.gl/WpRulZ>
- CAP. 7 *93 Million Miles*, Jason Mraz • <https://goo.gl/cqU3LW>
- CAP. 8 *God Only Knows*, Matt McAndrew • <https://goo.gl/vV154Y>
- CAP. 9 *Make It Rain*, Colbie Caillat • <https://goo.gl/CRt6ag>
- CAP. 10 *Stuck on You*, Lionel Richie ft. Darius Rucker •  
<https://goo.gl/6zVTtj>
- CAP. 11 *Locked Away*, R. City ft. Adam Levine • <https://goo.gl/ExhwH7>
- CAP. 12 *Everybody's Changing*, Keane • <https://goo.gl/MuXJdJ>
- CAP. 13 *Linda Rosa*, Maria Gadú e Leandro Léo • <https://goo.gl/UEcCBO>
- CAP. 14 *My Heart Is Open*, Maroon 5 ft. Gwen Stefani •  
<https://goo.gl/CWqhtD>
- CAP. 15 *Hanging by a Moment*, Lifehouse • <https://goo.gl/6XQkP1>
- CAP. 16 *The Way*, Fastball • <https://goo.gl/X4D4zL>
- CAP. 17 *Welcome Home*, Radical Face • <https://goo.gl/8bRw4n>
- CAP. 18 *Garotos*, Leoni • <https://goo.gl/ILT1ed>
- CAP. 19 *I Was Made for Loving You*, Tori Kelly ft. Ed Sheeran •  
<https://goo.gl/gubk88>
- CAP. 20 *Try to Remember*, Josh Groban • <https://goo.gl/RRa0yY>

- CAP. 21 *The Sound of Silence*, Disturbed • <https://goo.gl/QnhvQV>
- CAP. 22 *Lost Stars*, Adam Levine • <https://goo.gl/889rq8>
- CAP. 23 *What if You*, Joshua Radin • <https://goo.gl/aSOt4g>
- CAP. 24 *Saturn*, Sleeping at last • <https://goo.gl/5SPGVX>
- CAP. 25 *Somewhere Only We Know*, Keane • <https://goo.gl/XMLRS1>
- CAP. 26 *Through Glass*, Stone Sour • <https://goo.gl/avZMYL>
- CAP. 27 *Eight Letters*, Take That • <https://goo.gl/RyKG8p>
- CAP. 28 *Real Love*, Regina Spektor • <https://goo.gl/glfXMa>
- CAP. 29 *Demons*, Imagine Dragons • <https://goo.gl/ZI2wy4>
- CAP. 30 *Unpack Your Heart*, Phillip Phillips • <https://goo.gl/lvi9ln>
- EPÍLOGO *Miracles*, Coldplay • <https://goo.gl/OnAAeO>



• 1 •

– Conta pra gente, Malu... Como você começou a escrever?

A escritora crispou os lábios e, com uma inspiração profunda, pescou o isqueiro e o maço de cigarros de dentro da bolsa. Tinha perdido a conta de quantas vezes aquela mesma pergunta já lhe havia sido feita em tantas entrevistas e decidiu que, se passaria os próximos vinte minutos recitando respostas decoradas para perguntas idênticas, merecia ao menos uma tragada para amenizar o tédio.

Uma baforada de fumaça precedeu a resposta, que a jornalista anotou com atenção, enquanto um assistente gorducho segurava um gravador. Malu observou a fumaça subir e quase pôde ver sua própria história ali, dançando e tomando forma em meio aos desenhos que se formavam no ar: a infância rodeada de livros, as fábulas que o pai lia para ela antes de dormir e os filmes de princesas da infância que nutriram sua imaginação romântica, ainda milagrosamente intacta na fase adulta, mesmo muito depois de perceber que príncipes e finais felizes só existem na ficção. Nunca na vida real.

Aquela última parte ela não disse em voz alta, mas recitou no silêncio de seus pensamentos, sentindo as palavras se desfazerem dentro de si e subirem pelo ar junto com o filete branco de fumaça que saía da ponta do cigarro aceso. *Nunca na vida real*, reiterou. *É por isso que as minhas histórias de amor estão nos livros, e somente nos livros.*

– Malu?

Ela se retraiu ao sentir os dedos finos e gelados de sua assessora, Rebeca, tocando seu braço. Os enormes olhos castanhos fitaram-na do alto daquela

face sardenta, que compunha um conjunto interessante com os cabelos acobreados que caíam feito uma cascata encaracolada pelas costas da menina.

Malu se aprumou na cadeira e aspirou mais um pouco de fumaça enquanto a jornalista repetia a pergunta seguinte, da qual a escritora havia se esquecido, distraída, ao devanear nos próprios pensamentos. *Mal da profissão*, constatou, tranquila. E, dali em diante, foi dada a largada para mais uma série de questões às quais Malu já havia respondido incontáveis vezes em seus nove anos de carreira. Por um momento, ela imaginou como seria responder a elas de um modo mais sincero e menos lisonjeiro do que o esperado...

– Que tipo de dificuldade você enfrentou no início da carreira?

*As mesmas que 99% dos escritores que você já entrevistou.*

– Sua família a incentivava a escrever?

*Eu ficaria surpresa se minha mãe soubesse o título de um dos meus livros. E meu pai morreu antes que eu pudesse descobrir.*

– Como se sentiu ao ter seus livros publicados fora do Brasil?

*Mais rica.*

– Você imaginava que um dia chegaria ao topo da lista de livros mais vendidos do país?

*Sim. Foi para isso que trabalhei.*

– Qual a expectativa de ver seu primeiro livro adaptado para o cinema? Faltam poucos meses...

*O filme é sempre pior que o livro. O meu não vai ser diferente.*

– Como é sua rotina de escritora? Existe um horário ou lugar ideal para aflorar a imaginação?

*Não importa o lugar, eu só sento e escrevo. A imaginação é fruto de trabalho e estudo, não é uma musa que voa em sua direção com as ideias prontas.*

– Vinte e nove anos e sete romances de sucesso. Que carreira! Consegue eleger algum como seu livro favorito?

*É falta de educação expor a idade de uma mulher publicamente.*

Mas é claro que ela não falou nada disso. Com toda a paciência que foi capaz de reunir, respondeu educadamente a cada uma das perguntas, como quem canta um mantra. As frases se organizavam, obedientes, através dos lábios enquanto Rebeca, com o entusiasmo de sempre, fotografava a entrevista com o smartphone e publicava nas redes sociais da autora.

Malu levou à boca o cigarro já no fim e, a julgar pela hora, o último trago marcaria também a pergunta final. *Um bom marcador de tempo para entrevistas*, pensou enquanto tentava adivinhar o que viria a seguir. *Ela vai pedir*

*dicas para novos escritores, deduziu. Ou vai querer que eu deixe um recado para os leitores. É sempre assim que termina.*

A jornalista, no entanto, surpreendeu ao ler uma frase curta e totalmente diferente do que a escritora esperava ouvir:

– O que é o amor para Malu Rocha?

Malu se perdeu na tragada e engasgou com a fumaça. Mal deixou escapar a primeira tosse e foi amparada por Rebeca, que bateu em suas costas com uma força surpreendente para aqueles braços franzinos e pálidos.

– Você está bem? Quer água? Precisa de um intervalo? – disparou, aflita, antes de fitar o toco de cigarro caído no chão. – Sempre avisei que essa coisa não faz bem pra saúde...

– Eu só engasguei... – Malu respondeu, com a voz rouca. – Preciso de um pouco de água.

Como um gênio que recebe a ordem do amo, Rebeca pegou a jarra sobre a mesa e encheu um copo até a borda, que Malu virou de uma só vez.

– Desculpa – pediu, enxugando a boca. – Você estava dizendo...?

– Perguntei o que é o amor para você.

Malu tossiu mais uma vez, como se a pergunta a lembrasse do motivo do súbito mal-estar. Seus olhos passearam pelo terraço em que se encontrava e pararam na base quebrada do guarda-sol sobre sua cabeça enquanto ela buscava dentro de si a primeira palavra que puxaria para fora a sequência de frases perfeitas, como a ponta de um cordão. No entanto, percebeu que não tinha uma resposta pronta para aquela pergunta. Simplesmente porque nunca alguém a havia feito.

Ou talvez porque ela mesma jamais tivesse se perguntado aquilo.

Encarou a jornalista com um sorriso desconfortável.

– Desculpe, mas não vejo o sentido dessa pergunta.

– O sentido? – A jornalista diante dela arqueou as finas sobrancelhas. – Você foi eleita a melhor romancista brasileira do ano. Seus livros são apontados como os próximos clássicos literários do país. Acredito que os leitores adorariam conhecer a visão de Malu Rocha a respeito do sentimento sempre presente nas suas obras...

Malu absorveu aquelas palavras com o cenho franzido, parte por causa dos raios de sol que escapavam das bordas do guarda-sol e incidiam diretamente em seu rosto, parte porque se esforçava para repetir mentalmente aquelas informações bem recitadas pela jornalista.

– Parece que alguém fez a lição de casa... – alfinetou.



A jornalista posicionou a caneta sobre o bloco de anotações, em um claro sinal de que não desviaria daquela pergunta.

Malu inspirou fundo e deixou os olhos vagarem novamente pelo espaço ao redor, como se a resposta pudesse estar ali, escondida debaixo de alguma mesa ou atrás de uma espreguiçadeira. Não encontrou nada ali fora, tampouco dentro de si. Rendida, inspirou profundamente e adotou a saída de emergência que jamais falhava: a da mulher importante com pressa.

– Nós terminamos? – Espiou a hora no celular. – Tenho outro compromisso. Rebeca, por favor, mande chamar o carro.

– Mas você não...

– Eu pedi para chamar o carro. Pode fazer isso?

A jovem se encolheu sob o olhar severo da escritora e, sem contestar, afastou-se para fazer o que lhe fora pedido. A jornalista e o seu assistente se entreolharam, intimidados com a celebridade que se levantava para ir embora, deixando a última pergunta pairando no ar.

– O que devo escrever na última resposta? – A jornalista fez uma tentativa final.

– Na última... – Malu deu de ombros, indiferente. – Diga aos leitores que o que Malu Rocha pensa sobre o amor está nas páginas dos livros dela. É ali que o amor existe.



*O que é o amor para Malu Rocha?*

A última pergunta da jornalista ecoava na mente de Malu feito uma criança insistente enquanto ela batucava os dedos no volante do carro estacionado.

*O que é o amor...? Que pergunta mais besta!*

Tirou o estojo de maquiagem da bolsa e retocou a camada de base no nariz e na testa, estudando a pele dourada de sol refletida no espelho retrovisor. Lembrou-se da pergunta em que a jornalista intronada revelava sua idade e, de forma inconsciente, observou as linhas rasas de expressão ao redor da boca e dos olhos castanhos, onde depositou um pouco mais de pó que o necessário. Crispou os lábios fartos ao estudar o novo corte de cabelo, com o qual ainda não havia se acostumado: os fios na altura dos ombros, tingidos de castanho com reflexos dourados. Apesar de pesados, ela conseguia mantê-los lisos graças a um tanto de química e vários

minutos dedicados ao secador. As pontas eram viradas para dentro, apontando para o pescoço, o que lhe emprestava um ar comportado e profissional. Segundo Rebeca, era a imagem perfeita para aquela etapa da vida e da carreira de Malu.

Fitou a nova moldura do rosto e resgatou da memória os cabelos que cultivara até poucos dias antes. Precisava admitir que, mesmo resistindo a confiar na jovem assessora, a princípio aquele novo visual realmente caía melhor que os antigos cabelos louros e desidratados que ela manteve por anos na altura da cintura.

*Rebeca pode ser meio atrapalhada, mas sabe das coisas*, constatou ao fechar o estojo de maquiagem para guardá-lo na bolsa. Foi naquele instante que a porta do passageiro se abriu e um furacão de palavras, arfares e tilintares metálicos de bijuterias encheu o interior do veículo.

– Você precisava ver o tamanho da fila! – Rebeca bateu a porta com um estrondo ao se sentar no carro e enfiar a bolsa enorme entre os joelhos. – Parece que Curitiba inteira resolveu sair pra tomar café. E tinha uma senhora na minha frente, vou te contar, ela parecia...

Malu segurou um dos copos de isopor que a garota trazia enquanto a ouvia e bebeu um gole demorado, sentindo a cafeína energizá-la de imediato, um dos seus três maiores vícios. O primeiro era escrever. O segundo, fumar. Café era o terceiro. A combinação dos dois últimos lhe exigia bater cartão no dentista para clarear os dentes e manter a boa imagem. Mas não havia sido sempre assim, com exceção da escrita. Escrever sempre foi o primeiro dos vícios, desde que aprendeu a firmar o lápis entre os dedos da mão esquerda. Mas, até os 24 anos, o segundo e o terceiro lugar se dividiam entre yoga, flauta, teatro, música clássica e viagens à fazenda herdada do pai na distante São Lourenço da Serra, cidade do estado de São Paulo que parecia ter brotado direto do coração da Mata Atlântica, o que lhe conferia o apelido de “cidade natureza”. Havia três anos que a nicotina e a cafeína fincaram bandeira em sua lista e, embora tivesse abandonado o resto, ainda devia saber soprar uma ou duas melodias de cor e talvez conseguisse se sustentar por alguns segundos em uma postura invertida, se tentasse. Ela costumava ser boa nisso, como em tudo o que se propunha a fazer...

– Malu?

Ela arregalou os olhos e encarou o rosto preocupado de Rebeca. Notou que não ouvira uma única palavra que a assessora tagarelava desde que entrou no carro.

– O quê? – perguntou, antes de mais um gole de café.

– Não vai dar a partida no carro?

Ela olhou para si mesma, parada no banco do motorista com o copo de café na mão, perdida em devaneios. Por algum motivo, a pergunta daquela jornalista intrometida ressoou mais uma vez em algum canto da sua mente.

*O que é o amor? Pergunta estúpida.*

– Está tudo bem com você? – Rebeca perguntou, cautelosa, enquanto Malu girava a chave na ignição.

– Claro que está. – Franziu as sobrancelhas e olhou de soslaio para a moça.

– Por que a pergunta?

– Você está avoada. É a segunda vez que fica desse jeito hoje... – Virou um gole exagerado de café e soltou um gemido de dor. – Caramba, queimei a língua!

– Eu não estou avoada. – Malu ajeitou o copo de isopor entre as pernas. – Escritores, às vezes, têm esses momentos. Já faz quase um ano que trabalha comigo e ainda não percebeu?

– Ringue gue agosco.

– Quê?

– Ringue gue agosco – ela repetiu, com a língua queimada para fora da boca. – Roi quando coguecei a cagalhar com gocê...

– Se for falar desse jeito, que nem um sapo, é melhor nem falar.

– Vinte de agosto. – Rebeca recolheu a língua. – Foi quando comecei a trabalhar com você. Falta quase um mês certinho para completar um ano! A gente precisa comemorar, né?

– É – Malu concordou, automática, e se lembrou da forma inusitada como aquela magricela recém-formada em relações públicas acabou no posto de sua assessora. Maldito o momento em que Pedro, diretor editorial da sua primeira editora, resolveu cobrar um antigo favor. Rebeca era sobrinha dele e fã número um dos livros de Malu. “Você sabe como o início de carreira é complicado! Trabalhar com você será uma grande experiência para ela, e vai contar pontos no currículo”, ele dizia. “Por favor, Malu, pelo menos por um ano.” Não que Rebeca soubesse que foi desse modo que conquistou a vaga; ela sempre acreditou que foi aprovada em um processo seletivo, e Malu não desmentia. Ela também não imaginava que existia um prazo mínimo para o favor se completar, e que esse dia estava cada vez mais perto.

Malu pôs as recordações de lado e atentou à entrada da Avenida Comendador Franco, onde pegaria o caminho de volta a São José dos Pinhais. Pensar em

sua casa de madeira, aconchegante e escondida entre as árvores do seu jardim nas proximidades do Rio Iguaçu, a fez pisar mais fundo no acelerador.

– Por que deixou a jornalista sem resposta, no final da entrevista? – Rebeca perguntou, sem rodeios. – Você parecia meio brava com ela...

Malu estreitou os olhos ao ouvir aquela pergunta irritante saltar novamente na memória. Quis xingar Rebeca por fazê-la recordar, logo agora que a lembrança da pergunta impertinente era substituída pela ansiedade de chegar em casa...

– Não quis responder. – Entornou um gole de café. – Achei inadequada.

– Não tinha nada de mais! – A menina exclamou, com os olhos escancarados. – Você precisa pensar no público. Imagine como uma leitora pode se sentir se a escritora favorita dela se recusar a responder a uma pergunta justamente sobre o amor, que você conhece tão bem.

– Conheço bem? – retrucou, com a voz mais alta do que pretendia. – Quem disse isso?

– Ué... – Rebeca deu de ombros. – Suas histórias são sempre tão perfeitas que é natural a gente deduzir que quem as escreve tenha um conhecimento profundo sobre o amor. Não é?

– Não sei de onde você tirou que um escritor só escreve a respeito daquilo que sabe.

Meteu a mão na buzina quando uma caminhonete ameaçou fechá-la e mudou de faixa com o motor roncando alto. Por algum motivo, aquela conversa havia inflamado sua ira. Notou Rebeca encolhida no banco ao lado e, por um momento, arrependeu-se de ter sido rude; a menina era bem-intencionada, afinal de contas. Tudo bem que, do ponto de vista profissional, vivia dando motivos para Malu desejar que o ano de trabalho prometido a Pedro terminasse logo e ela pudesse se livrar do fardo. Mas acabou se acostumando com aquela assessora estabanada e, embora perdesse alguns compromissos vez ou outra por conta das confusões de Rebeca com a agenda, devia admitir que seu site e suas redes sociais nunca estiveram tão bem administrados, nem os leitores tão prontamente atendidos. Rebeca tinha um dom natural para fazer contatos e contagiar pessoas com seu jeito alegre e espontâneo, o que era espetacular nos eventos em que a acompanhava. Não tinha como esconder que até ela mesma, por vezes, acabava afetada pela energia esfuziante da garota. Seria aquilo suficiente para mantê-la no cargo, quando o ano de trabalho se completasse? Ou era melhor começar a procurar alguém mais experiente...?

O pensamento a incomodou. Às vezes, esquecia que Rebeca era apenas uma jovem de 22 anos, sonhadora e fanática pelos livros de Malu Rocha. Ela sempre dizia que, se pudesse, espalharia outdoors pelo Paraná inteiro contando que era assessora da sua escritora favorita. Devia ser esse o segredo de ela dedicar tanto tempo e paixão ao trabalho...

Malu bufou. Não era boa com pedidos de desculpas. Então, para amenizar o clima, fez a pergunta que sabia que ligaria a menina novamente na tomada:

– Qual a agenda para hoje?

Conteve um pequeno sorriso quando, cheia de entusiasmo, Rebeca abriu a mochila e tirou de dentro um caderno surrado, um celular e um tablet. Recitou com vivacidade os resultados das últimas pesquisas, índices de acesso ao site e os próximos compromissos da escritora, em uma falação animada que parecia não ter fim. *Se eu não me conhecesse bem, seria capaz de dizer que essa menina ama mais a minha própria carreira do que eu...*

– Ah, e tem um convite incrível! Você vai amar... – Ela soltou o celular no colo e bateu palminhas no ar para fazer suspense. – A organização da Feira do Livro de Porto Alegre a chamou para dar uma palestra sobre romances no século XXI! Não é incrível? Eu estava pesquisando, e essa é a maior feira do livro da América Latina... A gente pode enviar release para as revistas e jornais, e...

– Certo. – Malu massageou a têmpora, já enjoada de tanta informação. – Faça a rota para uma viagem de carro, calcule os custos e inclua no orçamento.

– De carro? – Rebeca derrubou os ombros. – Mas Porto Alegre é no Rio Grande do Sul!

– Eu sei onde fica Porto Alegre. Faça o que pedi e me informe a resposta deles, ok?

– Ok... – A menina pegou o celular e digitou, sem entusiasmo. – Mas você devia perder esse seu medo de avião.

– Eu não tenho medo de avião.

– Claro que tem! Já fizemos viagens de carro que duraram mais de um dia, e você recusou uns dois eventos por serem longe demais. Isso é medo de avião!

– Recusei os eventos porque eram inviáveis, não porque eram longe – respondeu, com calma. – E não tenho medo de avião. Só acho viagens aéreas muito caras e exaustivas. Prefiro ir de carro.

Antes que Rebeca argumentasse mais, Malu aumentou o volume do rádio e a voz de Adele encheu o ambiente. A cantora, pelo menos, não a julgava por preferir viagens terrestres. Afinal, Malu não tinha medo de avião;

tinha pânico, pavor, fobia! Só o fato de pisar em um aeroporto já lhe dava arrepios. Aquilo começou de repente, já adulta, e uma terapeuta com quem se consultava alguns anos antes deduziu que o medo estava relacionado à morte repentina do pai na época em que Malu entrou para a faculdade – ele era piloto e morreu em um desastre aéreo. Por fim, foi diagnosticada como aerodromofóbica. Mas é claro que nunca deixaria ninguém saber, assim como jamais entraria em um avião de novo.

– E a editora respondeu o e-mail sobre o prazo para a nova história? – Mudou de assunto ao notar que Rebeca ameaçava retomar o anterior.

– Ah, eu... não sei. O técnico vai trazer meu computador amanhã cedo. Precisou formatar...

Malu fuzilou a menina com os olhos, e as bochechas sardentas pareciam em chamas.

– Formatar, Rebeca? De novo? Pelo menos me diz que você tinha backup...

A forma constrangida como ela coçou a nuca deixou claro que não. Malu espancou o volante.

– Quer saber? Vou voltar a controlar os e-mails e a agenda, no computador de casa, e...

– Não, por favor! – Rebeca agarrou o braço da escritora. – Vou tomar mais cuidado, prometo...

– Você fica baixando aqueles joguinhos idiotas e infesta a máquina de vírus! É uma ferramenta de trabalho, Rebeca, *trabalho!*

– Não vou mais fazer isso, eu juro! Joguinho, só no meu celular... – Apertou o aparelho contra o peito, em uma promessa. – Amanhã vou ler os e-mails e, se a resposta não estiver lá, ligo para eles e confirmo para você.

– Faça isso. Eles haviam pedido o manuscrito com urgência, mas são tão desorganizados que não sei nem se eles se lembram. Diga que preciso saber a data.

– Está bem.

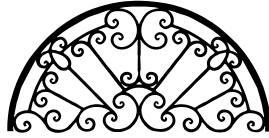
Malu espiou a menina várias vezes e, como ela não se mexia, não se conteve:

– Não vai anotar isso?

– Ah... é mesmo!

Com movimentos atrapalhados, Rebeca pegou o celular e o derrubou no vão entre o banco e a porta do carro. Passou tanto tempo tentando resgatá-lo que, quando conseguiu, já não se lembrava mais do que ia fazer com ele.

Malu achou mais seguro não responder. Em vez disso, encheu os pulmões de ar e de paciência. *Falta pouco para completar um ano...*



· 2 ·

A viagem até São José dos Pinhais foi breve. Malu deixou Rebeca em casa, pouco depois da entrada da cidade, e pegou o acesso de volta à Avenida das Torres, aumentando o caminho até sua casa de propósito. Fez o retorno na Comendador Franco e seguiu às margens do Parque São José dos Pinhais, onde se permitiu relaxar. Desacelerou e apreciou a vista, já sentindo os efeitos calmantes que estar ali, nas proximidades do parque, lhe causava.

Baixou os vidros do carro, sem se importar com o ar gelado de inverno em seu rosto, e dirigiu sem pressa, com parte da atenção voltada ao percurso e parte mergulhada na vista verde ao lado direito, recortada apenas pelas águas tranquilas da lagoa que cintilava sob o sol das onze.

A tranquilidade naquele lugar era quase palpável, e Malu inspirou fundo, como se fosse possível inalar aquele sentimento. Repetiu o gesto algumas vezes, com os pensamentos sempre rodeando a pergunta não respondida daquela manhã: *O que é o amor?*

Inspirou fundo. *O que é o amor?*

Expirou. *Afinal, o amor existe?*

Inspirou. *Por que as pessoas são tão obcecadas por esse sentimento?*

Expirou. *E, afinal... quem foi que inventou que é preciso amar para ser feliz?*

Antes que pudesse puxar fôlego para a próxima inspiração, uma buzina alta embaralhou seus pensamentos e a fez afundar o pé no freio. Evitou por pouco uma colisão com o carro que a ultrapassava.

– Presta atenção, dona! – o motorista do outro carro gritou, antes de pisar fundo no acelerador e deixar o CrossFox prateado de Malu comer poeira.

Malu parou no acostamento de terra, ligou o pisca-alerta e apertou as mãos sobre o coração, para controlar a respiração acelerada. *Bem que Rebeca avisou que eu estou muito avoada hoje*, refletiu. Tinha que tomar uma providência; aquele não era um comportamento típico da firme e segura Malu Rocha. Precisava de algo que a centrasse, que a trouxesse de volta ao eixo... Precisava de um cigarro.

Vasculhou rapidamente o porta-luvas e tirou um cigarro do maço já aberto. Acendeu-o e trago lentamente a fumaça antes de desligar o pisca-alerta e retomar o caminho até a casa, odiando o amor e todas as perguntas que ele trazia à tona. E decidiu, naquele momento, que não daria mais atenção a nenhuma delas.



Duas horas mais tarde, Malu estava em sua sala de estar com calças folgadas de malha e uma blusa branca de lã com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Segurava em uma das mãos o jornal daquela manhã e, na outra, uma xícara fumegante de café.

Abriu a porta de vidro que separava a sala da varanda e sentiu a brisa fria do início da tarde arripiar os pelos dos antebraços nus, ainda úmidos após lavar a louça do almoço. Puxou as mangas compridas de volta até os punhos e se acomodou preguiçosamente na poltrona de vime estofada com almofadas macias e floridas, pousando os pés no pufe que fazia par com a peça. Abriu o jornal e passou direto pelas primeiras notícias, parando no último caderno. Era sábado. E sábado era dia da coluna do Doutor Love.

Ajeitou o jornal sobre as pernas e, antes de iniciar a leitura, saboreou a xícara de café com os olhos mergulhados na vista privilegiada do horizonte. Malu vivia em uma área afastada, longe da loucura das grandes cidades e perto de onde adormecia a inspiração. Sua casa se isolava no final de uma rua de terra, praticamente às margens do Rio Iguaçu. Do alto do segundo andar da casa de madeira, por cima do muro protegido com câmeras e cercas elétricas, ela era diariamente presenteada com a vista plana e tingida de verde do Parque Náutico, que se esparramava pelo horizonte logo após o rio. Nada de arranha-céus ou cenários urbanos; apenas silêncio e natureza. Uma terapia diária.

Pousou a xícara tingida de preto no chão e devolveu a atenção ao jornal,



emergindo das águas do Rio Iguaçu para mergulhar na leitura da coluna semanal intitulada “Amores Possíveis”.

#### QUANDO O AMOR BATER À SUA PORTA

Uma tarefa recorrente da humanidade é poluir a cabeça uns dos outros dizendo que romances só existem em contos de fadas e que o príncipe encantado não chegará montado em um cavalo branco. Pois eu digo que sim, caras princesas, o príncipe há de chegar! Talvez o cavalo não seja branco, ou quem sabe você descubra um lado ogro em noites de lua cheia, mas os príncipes existem. E estão em algum lugar por aí, esperando para ser encontrados pela princesa por quem vale a pena se converter em um nobre cavalheiro.

E não venha me chamar de antiquado! Acompanhe meu raciocínio: desde que o mundo é mundo, se observarmos a história da humanidade, veremos como tudo é instável e finito. As princesas, que antes usavam vestidos bufantes, hoje vestem minissaias. E os príncipes, que iam até elas montados em cavalos, hoje têm dezenas deles compactados dentro de um motor potente. A comunicação, que outrora foi feita por meio de fumaça, hoje aproxima o mundo na velocidade da internet. E amanhã será diferente. Amanhã, o hoje será tão obsoleto, tão lento, tão fora de moda! Se forcarmos a mente até os tempos mais antigos nos quais conseguimos pensar, dificilmente encontraremos algo que se manteve imutável. As roupas mudaram, os costumes mudaram, as pessoas mudaram. Mas, dentre todas as mudanças, há um ponto, apenas um ponto que permaneceu igual: o amor.

Você discordará de mim, cara leitora, mas eu reafirmo: o amor permanece igual. Desde o início dos tempos, e ousa dizer que até o final, nada irá mudá-lo. O que mudou foi a forma como o ser humano se comporta e se relaciona, mas o sentimento que move um homem em direção a uma mulher, um príncipe em direção à sua princesa, é o mesmo. O antigo, eterno e imutável amor.

Também não mudou o fato de que ser humano algum, até hoje, foi capaz de entender ou desvendar o amor. Desde os mais remotos séculos, poetas tentaram, filósofos se esforçaram, escritores encheram folhas de papel... e ninguém conseguiu. Porque o amor

não foi feito para ser entendido, estudado ou explicado; o amor foi feito para ser sentido.

O que vejo hoje é uma legião de pessoas que nega acreditar nesse sentimento. E, com a mesma força que o negam, elas vão à sua caça. Com isso, a vida se transformou em uma competição, uma corrida na busca desenfreada pelo tal amor em que ninguém admite acreditar, mas que deseja loucamente. As ruas, as baladas, os corredores da empresa, tudo se tornou um silencioso campo de batalha onde todos estão prontos a atirar e defender-se até encontrar aquele a quem vale a pena se render, ou que apenas satisfaça o desejo de sentir que é amado, mesmo que o sentimento não seja tão recíproco. Já se sentiu assim? Quantas vezes você disse “eu te amo” não porque sentia, mas porque precisava ouvir o mesmo de volta?

Não precisamos ir à caça do amor, pois ele pode chegar das mais diversas formas: em uma compra no supermercado, um passeio no parque, na biblioteca... ou o amor pode literalmente bater à sua porta na forma do carteiro ou do entregador de gás.

Quando ele chegar, não o estrague buscando suas interpretações. O amor é um barco à deriva que ninguém deve tentar controlar; apenas sentir o vento. Não resista. Não tente fugir. Apenas deixe-se levar. Deixe-se amar. Deixe-se.

Com amor,  
Doutor Love

Malu ergueu os olhos até o início do texto para reler aquelas linhas. Ficou um longo instante em silêncio, com o olhar perdido, até despertar. Recolheu a xícara do chão, levantou-se em um impulso e, dentro da sala, abriu uma gaveta da estante. Retirou uma tesoura e recortou a coluna do Doutor Love, destacando-a do jornal antes de agachar até a parte baixa do móvel e recolher um pequeno baú decorado com recortes de jornal envelhecidos por uma camada de verniz. Ao abri-lo, o interior não era muito diferente: também estava repleto de recortes. Todos eles de colunas do Doutor Love.

Nunca ninguém soube daquela coleção particular que Malu mantinha. Ela era uma mulher forte e não gostava de nada que sugerisse fragilidade. Também não queria ter o trabalho de explicar o motivo que a levava a ler

semanalmente aquelas palavras tão sentimentais: era escritora de histórias de amor. Para escrever sobre ele, precisava tentar entendê-lo ao máximo. Embora não soubesse o que dizer quando alguém lhe perguntava o que é o amor...

Afastou aquele pensamento e, inspirada nas palavras do Doutor Love, desceu as escadas até o escritório e se acomodou na cadeira giratória diante da enorme mesa de mogno que ficava ao lado de uma estante abarrotada de livros. Ligou o notebook e, assim que a tela de boas-vindas desapareceu, clicou no arquivo de texto daquele que seria seu oitavo livro publicado.

O arquivo carregou e abriu o original incompleto, marcado por comentários e anotações em fonte vermelha. Ela releu os últimos parágrafos escritos, mudou algumas coisas e, ao chegar ao final do documento, sua expressão não era das melhores.

Malu era experiente e conhecia de cor a fórmula de sucesso dos seus livros: histórias com rumo surpreendente, protagonista marcante, mocinho apaixonante. Nunca saía daquele padrão. Muitas leitoras escreviam para contar quanto suas histórias as fizeram suspirar, apaixonadas, e era justamente esse o problema; que tipo de mensagem estava passando para elas? Em que as estava fazendo acreditar? Ela escrevia histórias de heróis perfeitos e trajetórias de superação, sacrifício e amor verdadeiro, para que suas leitoras sonhassem até descobrirem, tarde demais e com o coração partido, que nada daquilo existia na vida real. Era um favor ou um desfavor o que fazia com o sentimento do seu público?

O celular tocou e ela espiou rapidamente o número na tela antes de voltar a olhar para o computador, ignorando o aparelho que vibrava sobre a mesa. Abriu o arquivo de uma planilha que desenrolou diante dos seus olhos o roteiro completo da história, acompanhado da ficha descritiva dos personagens. Ela releu o esquema da história, o qual, assim como o manuscrito, tinha muitas anotações e excessivos pontos de interrogação. A ideia era boa. Genial, segundo o editor. Ainda assim, Malu sentia uma espécie de vazio, como se a história não estivesse completa. Faltava alguma coisa. Estaria cansada de repetir sempre a mesma fórmula? Sentiria falta de um algo mais? Ou de talvez levar um pouco mais de realismo aos seus livros e, quem sabe, fazer do mocinho um cafajeste dessa vez...? Ao menos, teria a consciência tranquila por saber que não estava iludindo nenhuma leitora desavisada.

O celular bipou, acusando o recebimento de uma mensagem de texto, que

ela ignorou. Voltou a ler o resumo da história, tentando encontrar o fator X, o detalhe que faltava para a história ficar perfeita. O enredo era romântico, tinha surpresas, drama, reencontros emocionantes, nenhuma ponta solta. Mas havia a dúvida de como terminar a história, e a sensação de que faltava algo essencial para torná-la verdadeiramente pronta. O que seria?

Pegou o celular para ver as horas: quase duas da tarde. Viu também as ligações perdidas de Rebeca e uma mensagem de texto dela:

Malu, o pessoal da revista ligou pra saber sobre as fotos de hoje às 5. Posso confirmar? Tudo certo? Bjs

Olhou para a mensagem, depois para o céu azul através da enorme janela aberta ao seu lado. O sol lá fora a chamava. E quem sabe ali, escondida em algum lugar, ela encontrasse a peça do quebra-cabeça que estava faltando para o novo livro.

Decidida, digitou uma resposta à assessora:

Cancela. Não vai dar.



Como de costume, a escritora fez um percurso tranquilo de bicicleta pelas ruas de São José dos Pinhais até alcançar a Avenida das Torres. Percorreu a avenida já familiar em alta velocidade até virar à esquerda na arborizada e agradável Rua José Paulo Lepinski, onde a vasta quantidade de estacionamentos e propagandas sinalizavam que o aeroporto estava próximo.

Seguiu as placas que indicavam o acesso ao estacionamento e pedalou pela pista estreita até alcançar as cancelas que controlavam a entrada dos veículos. Lá chegando, subiu na encosta de grama que ladeava o asfalto, desmontou da bicicleta e desabou sentada com as costas apoiadas na cerca de alambrado. Ofegante após os seis quilômetros de pedalada até ali, enxugou

a mistura de suor e protetor solar que escorria sobre os olhos e entornou o que restava da garrafa d'água garganta abaixo, deixando um resto cair de propósito sobre o rosto e o pescoço.

Inspirou fundo algumas vezes até recuperar o fôlego. A mente vagava ao observar o fluxo de carros na pista à sua frente e, quando se sentiu pronta, voltou a montar na bicicleta. No entanto, não voltaria para casa. Não ainda.

Esperou o fluxo de carros diminuir e atravessou com cuidado em direção às cancelas de acesso ao estacionamento, feliz pelo vigia daquela tarde de sábado ser um rosto conhecido.

– Veio mais tarde hoje, Malu? Senti sua falta pela manhã. – O funcionário de camisa branca sorriu para ela, de um modo que ela percebeu que pretendia ser sexy.

Malu apoiou o pé na guia da calçada enquanto esperava a cancela ser erguida. Abriu um sorriso educado em resposta ao vigia, que pareceu entender aquilo como uma reação positiva ao seu charme.

– Pedalar é bom. – Ele apontou para a bicicleta com o queixo. – Deve ajudar a ter inspiração, além de manter o corpo em dia, não é?

– Às vezes. – A passagem se abriu e ela empurrou o pé de apoio para embalar o movimento das rodas. – Tenha um bom dia, senhor Mauro.

– Não precisa me chamar de senhor!

Revirou os olhos com a resposta gritada às suas costas enquanto forçava os pedais para ganhar velocidade. Avançou entre os carros estacionados, tentando ao máximo se manter na sombra projetada pela cobertura de algumas vagas, até alcançar o destino final da pedalada: o aeroporto.

Acionou os freios assim que avistou a entrada do saguão principal e seguiu o restante do percurso a pé, empurrando a bicicleta ao seu lado. Atravessou a rua asfaltada e adentrou a área de quiosques e lojas de conveniência, onde experimentou o arrepio de costume ao se ver rodeada daquele cenário de lojas, gente afobada e franquias de fast food.

Caminhou a passos lentos, ao contrário das pessoas que passavam por ela, com os olhares saltando do relógio para o horário impresso no cartão de embarque. Achava curioso como aeroportos tinham essa atmosfera de pressa e, mesmo que alguém estivesse horas adiantado, ainda assim parecia estar correndo.

Chegou à mesma pequena cafeteria de sempre e encostou a bicicleta na parede. O atendente, um senhor magro de cabelos brancos e fofos que pareciam algodão, arregalou os olhos azuis.

– Pensei que não a veria hoje. – Ele sorriu e pegou a garrafa vazia que Malu lhe estendia para reabastecer com água, em um procedimento costumeiro. – Não passou aqui de manhã? Ou eu estou ficando gagá?

– Atrasei a pedalada, Seu Neto. Eu que estou ficando gagá.

Ele soltou uma risada gostosa e devolveu a garrafa novamente cheia. Malu acenou em agradecimento e virou um gole de imediato, sentindo um frescor bem-vindo encher-lhe o peito.

– Um pão de queijo para recuperar as energias? – ele ofereceu, ao vestir a luva plástica.

– Não, obrigada. Vim sem dinheiro.

– Então, é por conta da casa. – Colocou o pãozinho redondo sobre um prato pequeno e estendeu para ela, por cima do balcão. – Para uma cliente fiel.

Malu sorriu pela gentileza e aceitou a oferta do simpático senhor antes de ir se sentar no mesmo lugar que ocupava todas as manhãs. Quatro pequenas mesas de madeira escura preenchiam o cubículo reservado à cafeteria, e a dela estava sempre vazia, como se esperasse por ela. Se não estivesse, ela esperava desocupar. Era o seu lugar.

Acomodou-se na cadeira ao lado dos vasos de plantas que delimitavam o espaço e arrancou um pedaço do pão de queijo em uma mordida esfomeada. Os olhos castanhos vasculharam o saguão iluminado enquanto ela pensava na exaustiva rotina que cumpria todas as manhãs, e por que escolhera justamente o lugar que mais lhe causava medo para fazer suas paradas. Talvez fosse sua forma pessoal de combater a fobia; acostumar-se com o lugar, mostrar-se mais forte que ele e vencê-lo aos poucos. Ou talvez apenas gostasse da sensação de estar ali, em meio a tanta gente diferente. Gente diferente inspirava. Emoções fortes também. Ali, ela encontrava um pouco de ambas.

O pão de queijo acabou e Malu permaneceu ali, com o olhar perdido nas pessoas que corriam, nas malas que deslizavam em rodinhas sobre o chão brilhante, nos quadros luminosos que indicavam os horários dos próximos voos, até se fixarem na placa do banheiro. Observou a entrada do toalete por um instante tão longo que chamou a atenção de Seu Neto:

– Se quiser ir ao banheiro, eu olho a bicicleta para você.

Ela fitou o rosto do bondoso senhor, em silêncio. Pisar em um aeroporto sem fugir correndo de agonia já era uma vitória, graças às suas visitas diárias ao local. Mas ela nunca ia além do roteiro estacionamento/cafeteria/volta para casa, e não estava disposta a tentar. Até que o aperto na bexiga falou mais alto e ela soube que não teria escolha.

– Não vou demorar. – Levantou-se para levar o prato vazio até o balcão.  
– Não precisa ter pressa, menina...  
– Preciso – respondeu, com a voz afobada. Percebeu as sobrancelhas fartas do senhor se unirem e inspirou fundo antes de continuar: – Volto logo, tudo bem?

O gesto que ele fez em seguida foi tão sutil, mas tão carinhoso, que a pegou de surpresa; sobre o balcão, a mão enrugada se sobrepôs à dela, que ainda segurava o prato onde antes estivera o pão de queijo.

– Pode ir tranquila, menina. Eu sei que vai voltar.

Malu fitou os olhos claros que a encaravam e, quando notou, os seus estavam cheios de água. Desconcertada, recolheu o braço de volta e acenou em agradecimento enquanto marchava em direção ao banheiro, em uma batalha interna da qual ninguém além de si mesma precisava ter conhecimento.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)